Dia 19 — São José, Esposo da Santíssima Virgem

São José, esposo da santíssima Virgem e em certo sentido pai do Salvador do mundo, nasceu na Judeia pelos quarenta ou cinquenta anos antes do nascimento de Cristo. Não se sabe com certeza o lugar de seu nascimento; mas é provável que foi Nazaré, pequena povoação da Galileia inferior, onde tinha o santo sua habitação. Era da tribo de Judá e da família real que havia reinado desde Davi até o cativeiro da Babilônia. E, embora estivesse de todo obscurecido o esplendor desta régia casa, conservava-se sua nobreza nos descendentes dela, todos de sangue real, embora sem rendas e sem empregos que a fizessem brilhar no mundo: nobreza enfim desluzida, que estava como sepultada na pobreza e no estado humilde dos que a possuíam.

Dois evangelistas escreveram a genealogia de São José, e ambos provam concludentemente sua descendência do real tronco de Davi, embora por diferentes ramos: tão necessária era esta circunstância para que na pessoa do Salvador se reconhecesse o verdadeiro Messias. São Mateus o faz descender de Davi por Salomão e pelos demais reis de Judá; e São Lucas, por Natã, filho de Davi. Aquele o faz filho de Jacó, este de Heli. A opinião mais antiga e a mais comum entre os santos padres é a que Júlio Africano, autor que viveu pelo fim do segundo século, assegura haver sabido por tradição de boca de alguns parentes do mesmo Salvador: a saber, que Jacó e Heli foram irmãos uterinos; e que, tendo morrido Heli sem ter filhos, Jacó casou-se com a viúva para suscitar a seu irmão sucessão segundo a lei, e que deste matrimônio nasceu São José.

Pregando o famoso Gerson no dia da Natividade de Nossa Senhora, na presença dos padres do concílio de Constança, disse que se podia crer piedosamente que São José havia sido santificado no ventre de sua mãe: *Pia credulitate credi potest.*

Tendo-o destinado a divina Providência para ser esposo de Maria, tutor e aio do Salvador, quis que fosse de sangue real, mas pobre. Tendo resolvido o Senhor nascer na humildade de um estábulo e passar toda a vida na necessidade e pobreza, como havia de escolher por pai um homem rico que vivesse na esplendidez e abundância?

Descobriram-se poucos ou nenhuns sinais de meninice em seus primeiros anos; porque, prevenido desde o berço com doces bênçãos do céu mais que nenhum outro santo, crescia em prudência mais que adiantava em idade. Como o Senhor o havia feito unicamente para si, reinou perpetuamente ele só em seu coração. Nunca padeceu quebra nem alteração sua pureza; a principal ocupação de sua juventude era a mais exata observância da lei e todos os exercícios da mais religiosa devoção.

Era de profissão carpinteiro; mas, embora no ofício fosse desluzido e humilde, jamais houve no mundo homem nem mais nobre nem mais brilhante aos olhos de Deus, diz Santo Epifânio [^1]; ninguém se aproximou nem de longe ao mérito e à eminente santidade deste grande patriarca.

Como Deus proporciona suas graças aos empregos, diz Santo Tomás [^2], os dons sobrenaturais correspondem sempre à excelência e à santidade do estado a que nos destina. Pois, tendo escolhido o Senhor a São José para ser na terra, digamo-lo assim, o arquivo de seus maiores segredos, agente e secretário do Altíssimo no mistério da encarnação, esposo de Maria e protetor de sua virgindade, tutor e aio do mesmo Jesus Cristo e neste sentido pai seu: compreendei, diz São Bernardo, quanto seria o resplendor de suas virtudes, quanta a multidão de seus dons sobrenaturais e quão sublime sua elevação e excelência.

Havia chegado São José àquele supremo grau de perfeição que expressa o Evangelho numa só palavra, chamando-o o varão justo, isto é, o homem que possui todas as virtudes em grau eminente, quando, querendo o Verbo tomar carne nas entranhas de uma virgem, Deus escolheu Maria para ser sua mãe e José para ser esposo dela.

Como a santíssima Virgem se havia consagrado a Deus no templo quase desde o mesmo berço, tocava ainda mais aos sacerdotes que a seus pais buscar-lhe um esposo que fosse digno dela; e aqueles escolheram a José, que, além de ser da mesma casa de Maria, estava conceituado pelo homem mais modesto, pelo mais prudente, pelo mais religioso de seu tempo.

É constante que São José, prevenido de uma graça especial quase desconhecida naqueles tempos, havia resolvido guardar perpétua virgindade; e é provável que, não havendo lei alguma que obrigasse a casar as mulheres solteiras, nunca teria consentido a santíssima Virgem no matrimônio com São José se com luz superior não lhe houvesse manifestado sua eminente santidade e o desejo que tinha de conservar-se perpetuamente virgem como ela. E por isso mesmo não encontra dificuldade Santo Agostinho em comparar a virgindade de São José com a de Maria: *Habet Joseph cum Maria conjuge communem virginitatem* [^3]. O cardeal São Pedro Damião está tão persuadido de que São José foi sempre virgem que quer que se conte esta verdade no número daquelas de que não é lícito duvidar: *Ecclesiæ fides in eo est, ut non modo Deipara, sed etiam putativus pater atque nutritius virgo habeatur* [^4]. E na verdade, reflete Santo Tomás, se o Salvador não quis encomendar sua mãe a um discípulo que não fosse virgem, como é verossímil que permitisse que se desposasse com ela um homem que não o fosse? Os que creram que São José havia sido duas vezes casado e que de sua primeira mulher havia tido a Tiago, a Simão e aos demais que no Evangelho se chamam irmãos e irmãs do Salvador não fizeram reflexão a que a mãe destes parentes de Cristo vivia ainda no tempo da paixão e que esta se dizia também irmã da santíssima Virgem, pelo costume tão sabido dos judeus, entre os quais se tratavam de irmãos os parentes mais imediatos.

Celebrou-se em Jerusalém o puríssimo desposório, no qual, como se explica o célebre Gerson, não tanto foram dois esposos quanto duas virgindades as que contraíram matrimônio. *Virginitas nupsit* [^5]. Não houve nem haverá no mundo matrimônio mais feliz, porque nem o houve nem o haverá mais santo; e, se Maria recebeu em José um custódio e um protetor de sua virgindade e de sua honra, José, diz São João Damasceno, recebeu em Maria a dignidade mais augusta que se pode

imaginar na terra sendo esposo seu: *Virum Mariæ: hoc est prorsus ineffabile, et nihil præterea dici potest* [^6].

Santo Tomás é de sentir [^7] que imediatamente depois dos desposórios fizeram os dois santíssimos esposos, de comum consentimento, voto de perpétua castidade, parecendo-lhe que duas pessoas tão santas não podiam dispensar-se num ato de religião tão perfeito. A poucos dias de desposados apareceu o anjo São Gabriel à Virgem Maria em sua pobre casa de Nazaré; e, tendo-a saudado em termos de profunda veneração pela dignidade de mãe de Deus, a que sabia que dentro de um instante havia de ser elevada, descobriu-lhe todo o mistério da encarnação, intimando-lhe que aquele Deus que queria fazer-se homem para redimir o gênero humano a havia escolhido para mãe sua.

Vivia São José com a Virgem mais como anjo que como homem, e verossimilmente quis o Senhor que ignorasse o que se passava, para que sua mesma dúvida fosse uma sensível prova da milagrosa concepção do Salvador e da virgindade da mãe. Esta guardava-se bem de descobrir a seu casto esposo o mistério que o Espírito Santo queria que estivesse reservado até seu tempo, quando o mesmo José advertiu a gravidez da puríssima esposa. O superior conceito que tinha de sua elevada santidade não lhe permitia admitir nem mesmo a mais leve suspeita que manchasse sua reputação, e antes se inclinou a crer que era sem dúvida aquela donzela de quem dizia Isaías [^8] que havia de nascer o Salvador. Com efeito, creu-o assim, diz São Bernardo; e, movido daquela espécie de humildade e de respeito que mais tarde obrigou São Pedro a dizer: Senhor, apartai-vos de mim, porque sou um grande pecador, pensou José em deixar sua esposa Maria. *Accipe et in hoc non meam, sed patrum sententiam* [^9], acrescenta o santo abade: Esta não é sentença particular minha, é sentença dos santos padres.

Não sabia o casto esposo a que partido determinar-se: apartar-se dela era desacreditá-la; e não se cria bastante santo para morar com ela. Nesta perplexidade apareceu-lhe um anjo e disse-lhe: José, lembra-te de que és da casa de Davi, da qual há de nascer o Messias; e não creias que seja sem desígnio que o Senhor te deu Maria por esposa; o menino que tem em suas entranhas e que concebeu pela virtude do Espírito Santo é o Salvador do mundo, o Filho único do Pai eterno, o Messias prometido; e Deus te escolheu para ser seu tutor, seu aio e neste sentido seu pai. Não receies, pois, ficar com Maria, tua esposa; és destinado para guarda fiel de sua virgindade e de sua honra, e, se ficasse sem esposo, não poderia ser mãe sem detrimento de sua reputação. Porás o nome de Jesus ao infante que nascer, para dar a entender aos mortais que este é o que vem redimi-los e salvá-los, oferecendo-se em sacrifício pelos pecados dos homens.

Instruído já José do maior de todos os mistérios, não olhou desde aquele ponto a Virgem mais que como a mãe do Redentor, crescendo nele a respeitosa veneração com a ternura. São Boaventura é de sentir que a acompanhou na jornada que fez para visitar sua prima Santa Isabel; e na verdade não parece verossímil que tivesse deixado ir só a santíssima Virgem em viagem tão longa e tão penosa.

Cerca de seis meses depois, viu-se precisado São José a passar a Belém com a santíssima Virgem; pois, em virtude do decreto que publicou o imperador César Augusto, mandando registrar os nomes de todos os vassalos de seu império, devia registrar o seu naquela cidade onde estava o

solar da casa de Davi, de quem era descendente. Assim soava no desígnio dos homens; mas no intento do céu ia àquele lugar para que Maria desse à luz nele o Verbo encarnado, o Messias prometido, como o tinham vaticinado os profetas. Padeceu José em Belém toda a dor e toda a amargura que podia padecer um coração tão grande e tão terno como o seu, porque, apesar de todas as suas diligências, não pôde achar outro albergue que as ruínas de uma casa velha que servia de estábulo. Adorou a divina Providência e rendeu-se com profundo silêncio a suas soberanas disposições.

Neste humilde lugar viu nascer em meia-noite o Salvador do gênero humano; mas quais foram os extraordinários favores, quais as interiores doçuras com que o divino Infante cumulou a alma de São José, a quem olhava e amava como a pai! Não foi menos sensível o gozo de nosso santo quando viu chegar aquela ditosa tropa de pastores que enviava o céu a adorar o Salvador, nem serviu de menor motivo a sua gozosa admiração a vinda dos magos poucos dias depois: uns reis que vinham do Oriente para tributar rendimentos ao que, desconhecido em sua mesma pátria e rejeitado dos seus, se havia visto reduzido a nascer num estábulo.

Quarenta dias depois do nascimento do menino Jesus, teve São José a ventura e o consolo de conduzi-lo ao templo de Jerusalém. Foi testemunha ocular das maravilhas que ali se passaram; mas, mal voltou a Belém, um anjo advertiu-lhe o ímpio intento que tinha Herodes de tirar a vida ao divino Infante e ordenou-lhe que se retirasse ao Egito com o filho e com a mãe. Não diferiu um ponto o obedecer, em virtude daquela perfeita submissão que professava às disposições da divina Providência; e, sem dar lugar a vãos discursos nem cavilações da prudência humana, partiu no instante para o Egito, onde permaneceu até que, morto Herodes, voltou a aparecer-lhe o anjo do Senhor e ordenou-lhe que com o filho e com a mãe se restituísse à Palestina.

O Evangelho dá bastante fundamento de crer que São José pensava fixar sua habitação em Jerusalém ou em Belém, como em lugares oportunos para a educação do Messias; mas, tendo sabido que aquelas duas cidades estavam sujeitas à dominação de Arquelau, filho de Herodes, e temendo que o novo rei herdasse a desconfiança e a crueldade de seu pai, retirou-se, com aviso do céu, a Nazaré, onde havia feito menos ruído o nascimento do Salvador e onde não havia tanto que temer, por ser o mesmo São José mais conhecido. Nesta afortunada cidade vivia aquela santa família, a mais augusta e a mais respeitável que houve nem há de haver jamais no mundo, numa profunda mas venerável obscuridade; sustentando São José o menino Jesus e sua mãe com seu trabalho e obedecendo este divino Salvador a São José como a pai seu.

Sendo São José religiosamente observante da lei, inviolavelmente ia todos os anos a Jerusalém em companhia da santíssima Virgem para celebrar a festa da páscoa; e, tendo levado consigo o menino Jesus quando já havia completado doze anos, ao voltar a Nazaré deram por sua falta. É indizível a aflição e a inquietação da Virgem e de São José os três dias que o andaram procurando. Tendo-o achado finalmente no templo em meio dos doutores, não puderam conter-se sem queixar-se amorosamente da dor e da pesadumbre que lhes havia causado com sua ausência. Filho meu, teu pai e eu te temos andado procurando, disse-lhe a santíssima Virgem; mas com a resposta do Salvador se lhes enxugaram as lágrimas e compreenderam o mistério.

O Evangelho nada mais nos diz de São José senão que, voltados a Nazaré, o menino Jesus lhe era sujeito como a seu pai. Mas que coisa maior se poderia dizer nem que fosse capaz de dar mais alta ideia do extraordinário mérito e eminente santidade de São José, escreve o sábio Gerson, que o dizer que o Filho de Deus lhe foi sujeito e que o amou, o estimou e o honrou como a pai seu? *Quæ subjectio, sicut inæstimabilem notat humilitatem in Jesu, ita dignitatem incomparabilem signat in Joseph et Maria.*

Viveu ainda alguns anos São José retirado e desconhecido, em companhia da Virgem e do Salvador. Nenhuma família possuiu mais ricos tesouros: que coisa se pode imaginar mais santa, mais perfeita nem mais digna de nosso culto? Não se sabe de fixo o ano em que morreu este santo patriarca; mas se crê com bastante probabilidade que já havia morrido quando o Salvador do mundo começou a pregar. O que parece certo é que, se São José vivesse quando morreu o Salvador, não teria este encomendado sua mãe ao evangelista São João pouco antes de expirar.

É fácil compreender quão preciosa seria a morte deste grande santo, a quem o Filho de Deus quis escusar a dor que lhe causaria a sua. Que morte mais doce, que morte mais preciosa aos olhos do Senhor, que morte mais santa que a do que mereceu ter a sua cabeceira ao próprio Jesus Cristo, ser assistido pela santíssima Virgem até a morte e expirar nas mãos do Filho e da Mãe! Que multidão de espíritos celestiais não acompanhariam aquela bendita alma até deixá-la depositada no limbo!

É certo que, quando Cristo ressuscitou, ressuscitaram também muitos santos, e piedosamente se crê que São José foi deste número; porque, tendo feito o Senhor tantos milagres para descobrir e expor ao culto dos fiéis as relíquias de tantos santos, não é provável que tivesse querido privar desta honra as de São José, se seu sagrado corpo houvesse ficado na terra.

Embora a Igreja tenha professado sempre singular veneração a este grande santo, com tudo isso não foi tão público seu culto naqueles séculos cheios de trevas e pouco tranquilos em que só o nome de pai de Jesus Cristo teria podido fazer nos gentios uma impressão menos vantajosa ao cristianismo e servir de pretexto aos hereges que negavam sua divindade. Até que gozou de paz a Igreja, não começou a fazer-se familiar aos fiéis a devoção de São José. Acha-se seu nome ao dia dezenove de março nos martirológios latinos escritos há mais de oitocentos anos, e ainda é mais antiga sua festa na igreja grega.

Os magníficos elogios que o sábio Gerson, chanceler da universidade de Paris, fez de São José no concílio de Constança e o que diz da confiança que todos os fiéis devem ter na poderosa intercessão deste grande santo acreditam seu zelo e sua piedade. Escreveu diferentes cartas para que se celebrasse com maior solenidade a festa de São José. A primeira foi dirigida ao duque de Berry no ano de 1413; a segunda ao chantre da igreja de Chartres e a terceira a todas as igrejas. Gregório XV e Urbano VIII [^10] a fizeram festa de preceito, proibindo nela as obras servis e as funções públicas dos tribunais.

Não há religião alguma na Igreja de Deus que não professe particular devoção a São José; não há cristão que não tenha neste grande patriarca uma terna e amorosa confiança. Os muitos milagres que opera o Senhor por sua intercessão em toda a cristandade e os singulares favores que experimentam todos os que o invocam mostram visivelmente que nada nega o Salvador ao que

sempre amou como a pai e ao que quer que nós honremos como a tal.

Mas o que mais tem contribuído nestes últimos tempos a promover a devoção a São José foi a singularíssima que lhe professou Santa Teresa de Jesus, deixando-a como em herança a seus filhos e a suas filhas, em quem vive hoje com toda edificação o espírito e a piedade de sua santa madre. No capítulo sexto de sua vida diz o seguinte:

«Tomei por advogado e senhor o glorioso São José e encomendei-me muito a ele; vi claro que assim desta necessidade como de outras maiores de honra e perda de alma este pai e senhor meu me tirou com mais bem do que eu sabia pedir-lhe. Não me lembro até agora de haver-lhe suplicado coisa que a tenha deixado de fazer. É coisa que espanta as grandes mercês que me tem feito Deus por meio deste bem-aventurado santo, os perigos de que me tem livrado, tanto de corpo como de alma: que a outros santos parece que lhes deu o Senhor graça para socorrer numa necessidade, a este glorioso santo tenho experiência de que socorre em todas; e que quer o Senhor dar-nos a entender que, assim como lhe foi sujeito na terra, e como tinha o nome de pai, sendo aio, podia mandar-lhe, assim no céu faz quanto lhe pede. Isto têm visto outras algumas pessoas a quem eu dizia que se encomendassem a ele, também por experiência; já há muitas que lhe são devotas de novo, experimentando esta verdade.

«Procurava eu fazer sua festa com toda a solenidade que podia... Queria eu persuadir a todos que fossem devotos deste glorioso santo, pela grande experiência que tenho dos bens que alcança de Deus. Não conheci pessoa que de verdade lhe seja devota e faça particulares serviços que não a veja mais aproveitada na virtude, porque aproveita em grande maneira às almas que a ele se encomendam. Parece-me que há alguns anos que cada ano em seu dia lhe peço uma coisa, e sempre a vejo cumprida; se vai algo torcida a petição, ele a endireita para mais bem meu... Só peço por amor de Deus que o prove quem não o crer e verá por experiência o grande bem que é encomendar-se a este glorioso patriarca e ter-lhe devoção; em especial pessoas de oração sempre lhe haviam de ser afeiçoadas... Quem não achar mestre que lhe ensine oração, tome este glorioso santo por mestre e não errará no caminho.» Até aqui são palavras de Santa Teresa.

Em muitas igrejas se celebra com grande solenidade, no dia vinte e dois de janeiro, a festa dos desposórios de São José com a santíssima Virgem, e já no século décimo quarto se celebrava na Igreja esta festividade. Há em várias partes fundadas muitas congregações e confrarias, com o título de São José, para assistir aos agonizantes. E que santo mais poderoso para ajudar-nos naquele crítico momento? Na santa capela de Chambéry mostra-se um báculo ricamente engastado, que se diz por piedosa tradição haver sido de São José; e em Perúgia, da Itália, venera-se o anel de seus santos desposórios; acreditando ao parecer a verdade desta relíquia os favores que cada dia se recebem do céu pela devoção a ela.

Martirológio Romano

Na Judeia, o trânsito de São José, esposo da santíssima virgem Maria.

Em Sorrento, os santos mártires Quinto, Quintila e Marcos, com outros nove.

Em Nicomédia, São Pancário, romano, o qual, tendo sido degolado no tempo de Diocleciano, conseguiu a coroa do martírio.

No mesmo dia, os santos bispos Apolônio e Leôncio.

Em Gante, os santos Landoaldo, presbítero romano, e Amâncio, diácono, os quais foram enviados a pregar o Evangelho pelo papa São Martinho e, depois de mortos, foram esclarecidos com muitos milagres.

Na cidade de Pinna, o trânsito de São João, varão de grande santidade, o qual, tendo vindo da Síria à Itália, edificou ali um mosteiro de muitos servos de Deus, dos quais foi prelado por espaço de quarenta e quatro anos; ao cabo, esclarecido em virtudes, morreu em paz.

Missa (oração)

A missa do dia é em honra de São José, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Sanctissimæ Genitricis tuæ sponsi, quæsumus, Domine, meritis adjuvemur; ut quod possibilitas nostra non obtinet, ejus nobis intercessione donetur. Qui vivis...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que nos ajudeis pelos merecimentos do esposo de vossa santíssima Mãe, para que consigamos por sua intercessão o que não podemos alcançar por nós mesmos. Vós que viveis...

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do livro do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”).

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et

> lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Nota

«O autor do livro do Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola, faz um grande elogio de Moisés quando diz que foi amado de Deus e dos homens, que sua memória está cheia de bênção e que, embora o Senhor o elevasse a tão alta dignidade que chegou a chamá-lo Deus de Faraó, nem por isso se ensoberbeceu, antes foi mais modesto e mais humilde. Não se podia escolher na Escritura elogio mais adequado a São José.»

Reflexões

A honra que se rende aos santos é uma espécie de feudo que se tributa à virtude. Bem pode o mundo perseguir os bons, mas não pode deixar de respeitar a inocência, a retidão, a bondade, conservando com veneração a memória do justo: *Cujus memoria in benedictione est.*

As maiores dignidades desaparecem; não se faz longa mansão nos empregos mais elevados; nem a florida idade é a mais dilatada estação das cinco em que se distribui a mais prolongada vida. Acaba-se com esta a nobreza, a elevação, a preeminência; o fausto cai, o tumulto passa, o ruído cessa; e parece que toda a diversidade de condições no mundo se reduz a representar diversas cenas. Não há bens sólidos senão os que traz consigo a virtude cristã; não há felicidade, não há alegria, não há glória permanente senão a dos santos. Por que tanto fausto, tanto orgulho, tanto trem nos grandes do mundo? Porque todas as suas grandezas são vazias e para que brilhem é mister mendigar postiços esplendores. A majestade da virtude brilha por si mesma; a santidade não há mister adornos forasteiros; por isso são comuns a todos os santos a mansidão, a afabilidade, a humildade e até a mesma simplicidade. Sua memória está cheia de bênção, embora sua vida se veja ordinariamente acompanhada de contradições, de perseguições e de reveses. Não lhes perdoa a calúnia, nem o mundo os pode sofrer, porque sua retidão, sua prudência, sua

exemplar piedade são uma muda condenação da licença e da desordem dos mundanos: *Gravis est nobis etiam ad videndum, quoniam dissimilis est aliis vita illius* [^11]. Nem sempre se fala assim; mas nunca se discorre de outra maneira. Os dissolutos olham os virtuosos como censores importunos; esta é a origem daquele desabrimento, daquele enfado, daquele fel que sentem contra a vida regrada, pura, santa, exemplar, daqueles de quem não é digno o mundo, daqueles de quem são tão dessemelhantes. Mas depois de sua morte, quando já não os têm presentes, entra a memória de sua virtude a exigir o tributo que se lhe deve, e então se lhe paga. Bem pode a virtude ser maltratada por algum tempo; mas nunca perde seus direitos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 1 de São Mateus.

Mateus 1,18-21

> **Latim:** 18 Christi autem generatio sic erat : cum esset desponsata mater ejus Maria Joseph, antequam convenirent inventa est in utero habens de Spiritu Sancto. 19 Joseph autem vir ejus cum esset justus, et nollet eam traducere, voluit occulte dimittere eam. 20 Hæc autem eo cogitante, ecce angelus Domini apparuit in somnis ei, dicens : Joseph, fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam : quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est. 21 Pariet autem filium : et vocabis nomen ejus Jesum : ipse enim salvum faciet populum suum a peccatis eorum.

Português: 18 Ora a conceição de Jesu Christo foi d’esta maneira: Estando já Maria sua mãe desposada com José, antes de coabitarem se achou ter ella concebido por obra do Espírito Santo. 19 E José seu esposo, como era justo, e não queria infamalla, resolvo deixalla secretamente. 20 Mas andando elle com isto no pensamento, eis-que lhe apareceo em sonhos hum anjo do Senhor, dizendo: José filho de David, não temas receber a Maria tua mulher: porque o que nella se gerou, he obra do Espírito Santo. 21 E ella parirá hum filho: e lhe chamarás por nome JESUS: porque elle salvará o seu povo dos peccados d’elles.

Meditação

Da verdadeira devoção

Primeiro ponto

Considera que não há coisa mais amável nem mais digna de um coração racional e cristão que a piedade verdadeira: só ela pode sossegá-lo; ela é a que faz o céu sereno e o mar tranquilo, porque seus primeiros exercícios consistem em render o amor-próprio e em sujeitar as paixões. O amor de Deus é sua alma, e a perfeição é seu fruto.

A piedade comunica um resplendor que obscurece o falso brilho deste mundo; ela só basta para fazer frente às desgraças; é aquela pedra preciosa que faz rico quem tem a ventura de encontrá-la; mas é o tesouro escondido. Ó meu Deus, e quão pouco se conhece o preço da verdadeira piedade! Quão poucos retratos se fazem que se lhe pareçam!

A verdadeira devoção não é carrancuda, enfadonha, agreste nem inurbana; seu ar não é austero nem desabrido; não consiste em excessos de um zelo arrebatado; aborrece o fausto e a ostentação; não gasta escrúpulos, gestos nem momices; ignora esses modos artificiosos, afetados e inteiramente mundanos; seu caráter é o de uma nobre simplicidade, sempre igual e nunca contrária a si mesma. Esta é a verdadeira devoção: é esta a minha?

Inimiga de todo disfarce, ganha o entendimento por sua retidão e conquista o coração por sua doçura majestosa em sua modéstia e em sua ingenuidade. É mais respeitável quanto é mais humilde; e seu mérito não depende nem do capricho nem das fantasias dos homens; nada há mais independente do humor que a verdadeira virtude.

Longe de seguir aquelas sendas extraordinárias que muitas vezes descaminham e distante daquelas ideias presunçosas que fomentam o orgulho, encontra nas obrigações mais comuns de seu estado um caminho seguro, firme e sólido para chegar à mais elevada perfeição.

É grande injúria à devoção imaginar que seja própria dela a rusticidade, porque talvez se encontre nos que fazem profissão de devotos. A incivilidade é defeito; logo a condena a verdadeira piedade. A devoção não afeta certos modos cerimoniosos de cortesia; mas tampouco esquece as mais mínimas atenções da verdadeira urbanidade. A devoção atenta cultiva e poli o espírito mais rústico e mais grosseiro. Que efeitos não produz num coração cristão e numa alma pura! Que doçura, que paz se encontra num coração onde reina Deus! Quando o experimentarei eu, doce Jesus meu!

Segundo ponto

Considera o retrato que faz São Paulo da verdadeira devoção, fazendo o da perfeita caridade, e examina depois se o teu concorda com este original.

A caridade, diz o Apóstolo, é paciente, é doce, é benéfica; não é invejosa, nada faz contra a razão, não é ambiciosa, não é inchada nem desdenhosa; não busca seu próprio interesse; de ninguém pensa mal; antecipa-se a fazer todo bem; sempre humilde, sempre oficiosa, de nada presume, jamais se encoleriza, tudo sofre com paciência e tudo escusa com caridade.

Isto quer dizer que uma pessoa solidamente virtuosa, um homem verdadeiramente devoto, é um homem sem amor-próprio, sem artifício, sem ambição; um homem sempre severo consigo, que a si

mesmo nada se perdoa, ao mesmo tempo que, extremamente doce e aprazível para os demais, escusa todas as suas faltas; bom sem afetação, condescendente sem baixeza, oficioso sem interesse, observante sem escrúpulo e continuamente unido a Deus sem que lhe custe violência; com baixo conceito de si mesmo, com grande estima dos demais, porque nos outros só olha as virtudes que os adornam e em si só considera as misérias a que está sujeito. Sempre contente e sempre igual; porque, como só a vontade de Deus é a medida de seus desejos e a regra de sua conduta, sempre faz o que Deus quer e sempre quer o que Deus faz.

Conheces-te a ti mesmo neste retrato? Este é o dos devotos verdadeiros. Mas é porventura o teu? Quererias sem dúvida gostar os frutos da verdadeira devoção; mas que é o que fazes para colhê-los? Em São José encontras um grande protetor e um grande modelo da verdadeira piedade. Olha seu amor à castidade e lembra-te de que Deus gosta de almas puras. Considera sua humildade, sua doçura, sua mortificação, seu recolhimento interior, sua perfeita sujeição à vontade de Deus, seu terno amor a Cristo e a Maria. Todas estas virtudes são inseparáveis da verdadeira devoção.

Ah, Senhor, e quão desprovido me acho delas! E como sinto, como conheço minha necessidade! Mas tudo espero da poderosa proteção de São José; em seu nome vos peço aquela pureza, aquele recolhimento, aquela mortificação, aquela humildade, base de todas as virtudes. Peço-vos vosso amor, mas um amor terno e constante; peço-vos uma grande ternura para com vossa santíssima Mãe; peço-vos enfim a verdadeira devoção, que é a herança de vossos escolhidos.

Jaculatórias

> *In omnibus requiem quæsivi, et in hæreditate Domini morabor.* Eclo 24.

Tendo buscado em todas as partes minha paz e minha quietude, somente a achei quando vivi de assento na casa do Senhor.

> *Pax Dei, quæ exuperat omnem sensum, custodiat corda vestra et intelligentias vestras in Christo Jesu.* Fl 4.

Aquela paz de Deus, que é superior a tudo quanto se pode pensar, possua e guarde vosso coração e vosso entendimento em nosso Senhor Jesus Cristo.

Propósitos

1. Sendo tão proveitosa para nós a proteção dos santos, não é razão olhá-la com indiferença. Se tanto apreciamos e até cultivamos a graça dos que estão perto do príncipe e gozam de sua confiança, com que ânsia devemos aspirar a merecer a proteção dos que estão mais elevados na glória, são mais validos e têm maior poder junto a Deus! Infere daqui a devoção que devem professar a São José. Que santo mais poderoso com Cristo e com a Virgem que o que em certo sentido verdadeiro foi pai de um e esposo da outra; o que, levando ao Egito o menino Jesus, salvou, por dizê-lo assim, o mesmo Salvador? Confia na poderosa intercessão deste grande santo, mas não omitas diligência alguma para merecê-la. Nenhum ano deixes de confessar e comungar no dia de sua festa; solemniza-a com tua família; invoca-o cada dia com alguma oração particular. Toma-o por teu advogado para toda a vida. Nas horas encontrarás muitas orações em reverência de São José: reza-as todos os dias, se puderes fazê-lo comodamente; e, quando não, ao menos não deixes de rezá-las na quarta-feira de cada semana, por ser este o dia que parece haver consagrado a São José a devoção dos fiéis. Mal haverá lugar onde não haja alguma igreja ou ao menos alguma capela dedicada a São José. Os carmelitas e as carmelitas descalças, animados com o espírito de sua santa madre, celebram em todas as partes com muita solenidade a festa do santo patriarca; procura assistir a ela e ganhar as indulgências concedidas aos que visitam suas igrejas. Tem em teu quarto a imagem de São José e escolhe-o por particular protetor de tua família, inspirando continuamente a teus criados, a teus filhos e aos que estão a teu cargo uma inteira confiança, terna devoção e respeito singular a São José.

2. Não há no mundo estado nem condição que não possa e até deva tomá-lo por seu protetor. Os grandes, porque foi de sangue real; os casados, porque também o foi com a santíssima Virgem; os pobres artesãos, porque foi um pobre carpinteiro. Os mendigos e desprezados acharão nele um verdadeiro pai. Os caminhantes experimentarão sua proteção em suas viagens, cujas incomodidades e perigos experimentou o mesmo santo nas que fez ao Egito e a Nazaré. Pelo que toca à vida interior, à verdadeira devoção e à castidade, pode-se dizer que São José é não somente o modelo, mas o protetor particular. Que devoção, pois, não devem ter a este grande santo todas as pessoas religiosas? Finalmente, São José é advogado especial da boa morte; tendo-se fundado, com autoridade apostólica, sob seu nome e sua proteção, muitas piedosas congregações e confrarias para ajudar os moribundos naquele momento crítico. Procura alistar-te em alguma delas e cumprir exatamente com suas obrigações. A boa morte é a obra máxima de toda a vida. Em que outra hora necessitamos maiores auxílios? E que consolo havê-los merecido para então, por meio de uma terna devoção com este grande santo, que faz sentir sempre os efeitos de sua proteção naquela derradeira hora! Pede a Deus todos os dias a graça final, e pede-a por intercessão de São José.

[^1]: *Hær.* 28. [^2]: Parte 3, q. 27, art. 4. [^3]: Sermão 25, *De Diversis*. [^4]: Epístola 2, ao papa Nicolau. [^5]: Opúsculo *De Conjugio Mariæ et Josephi*. [^6]: Oração sobre a Natividade da Bem-aventurada Virgem. [^7]: Parte 3, q. 28, art. 4. [^8]: Capítulo 7. [^9]: Homilia 2, sobre *Missus est*. [^10]: O original diz “Urbano VII”; trata-se provavelmente de Urbano VIII. [^11]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.) A passagem corresponde a Sb 2,15.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:11 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:11 by Admin